

ARTE E ARTISTAS

EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS DE HELENA ROQUE GAMEIRO

Talento, mocidade, verdadeiro instinto de beleza, e uma técnica prodigiosa que não foi, decerto, somente bebida no ambiente de arte em que de pequena se criou D. Helena Roque Gameiro, mas que é um dom supremo da artista — eis o que podemos admirar na sua pequena exposição, amorosamente aninhada no atelier da Rua de D. Pedro V. A *Atlantida* a ela se referirá largamente, assim como às outras exposições realizadas nos últimos meses. Hoje quiere, apenas, saudar com especial carinho a arte sincera e doce, tão feminina no seu encanto, tão perfeita na sua espontaneidade, que dá a Helena Roque Gameiro o direito de se considerar legítima herdeira do grande artista que é seu Pai — com qualquer coisa a menos de segurança no *métier*, com qualquer coisa a mais de graça e de lirismo... Quando se vê unir assim a juventude e o talento — entrelaçando-os tão intimamente que um parece o espelho fiel da outra, de tal modo há leveza, ternura e sonho nas aguarelas expostas — não se deve sómente pensar, como disse o filósofo, que o talento é a mocidade perene: — mas, ainda, que a mocidade é um talento a mais, capaz de todos os triunfos e certo de todas as vitórias.



Para o próximo número reservamos as exposições de Alberto de Sousa, de Carlos Reis e seus discípulos e de aguarelas da Sociedade Nacional de Belas Artes.

ARTISTAS DO NORTE

EXPOSIÇÃO ARMANDO DE BASTO

O snr. Armando de Basto realizou em julho dêste ano, na galeria da Misericórdia do Porto, uma exposição de pintura. Depois de no Porto se haver apresentado duas ou três vezes só e na companhia de outros artistas, como um modernista de qualidades, o snr. Armando de Basto apareceu numa exposição do que a crítica conservadora poderia chamar arte séria, e nos seus 46 trabalhos — óleo, desenho, cróquis e aguarela — firma-se realmente um temperamento de pintor que o parisienismo do «retrato extravagante do escultor Diogo de Macedo» e o sincromismo dos seus carvões de reconstituição histórica não conseguem desvirtuar e que é, mercê da sua visão serena e proba e do iniludível localismo da sua côr, um pintor português, pelo muito que dentro duma estética moderna, o seu tradicionalismo se mantém íntegro e vivo. Retratista — e não podem esquecer a quem viu a exposição —, as três